

A interação em pesquisa e a importância do exercício da hospitalidade em ambiente acadêmico

Interaction in research and the importance of exercising hospitality within the academic environment

La interacción en investigación y la importancia del ejercicio de la hospitalidad en ambiente académico

Ana Paula G. Spolon¹

Alexandre Panosso Netto²

Isabel Baptista³

Resumo

O objetivo deste artigo é discutir a relevância da iniciativa de promoção do evento científico *Academy of International Hospitality Research Conference 2014*, realizado em Leeuwarden, Países Baixos, em novembro último e de seu resultado, complementar e decorrente, qual seja, os textos que foram apresentados no evento, que vieram a constituir a publicação desta edição conjunta das revistas científicas *Hospitalidade* (ISSN 1807-975X e e-ISSN 2179-9164) e *Research in Hospitality Management* (ISSN 2224-3534, versão impressa), em um movimento inédito de conagração de pesquisadores de língua portuguesa e inglesa dedicados aos estudos de hospitalidade.

Palavras chave: Hospitalidade. Hospitalidade Acadêmica. Experiências de Hospitalidade.

¹ Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo (IFSP), Brasil. Email: anapaulaspolon@gmail.com.

² Escola de Artes, Ciências e Humanidades, Universidade de São Paulo (EACH-USP), Brasil. Email: panosso@usp.br.

³ Universidade Católica Portuguesa, Portugal. Email: ibaptista@porto.ucp.pt.

Abstract

This article aims at discussing the relevance in the initiative of promoting the scientific event Academy of International Hospitality Research Conference 2014, held in Leeuwarden, Netherlands, in November 2014, and of its result – texts presented there, turned into the publication of this joint edition of scientific journals *Hospitalidade* (ISSN 1807-975X and e-ISSN 2179-9164) and *Research in Hospitality Management* (ISSN 2224-3534, printed version), in an unprecedented movement of union between Portuguese and English speaking researchers dedicated to the study of hospitality.

Keywords: Hospitality. Academic Hospitality. Experiences of Hospitality.

Resumen

El objetivo de este artículo es discutir la relevancia de la iniciativa de promoción del evento científico Academy of International Hospitality Research Conference 2014, celebrada en Leeuwarden, Países Bajos, en noviembre pasado y su resultado, que es complementario y consecuente – los textos que fueran presentados en el evento y que forman la publicación de la presente edición conjunta de las revistas científicas *Hospitalidade* (ISSN 1807-975X y e-ISSN 2179-9.164) y *Research in Hospitality Management* (ISSN 2224-3534, versión impresa), en una acción sin precedentes de conciliación de investigadores de habla portuguesa e inglesa dedicados a los estudios de hospitalidad.

Palabras clave: Hospitalidad. Hospitalidad Académica. Acolhimento. Convidados.

Introdução

No evento promovido em Leeuwarden (Países Baixos) pela Stenden University of Applied Sciences em 26 e 27 de novembro de 2014, uniram-se pesquisadores de diversos países e vinculados a diversas instituições, com o fim precípua de ampliar o conhecimento sobre o estado atual dos estudos de hospitalidade no Brasil e na Europa, discutir as perspectivas de realização de estudos conjuntos de hospitalidade, em âmbito internacional e apontar possibilidades futuras para as pesquisas em hospitalidade, tanto

no que diz respeito ao desenvolvimento de trabalhos de natureza teórica, quanto de estudos aplicados.

Neste sentido, o tema da conferência, *The study OF hospitality and the study FOR hospitality* (O estudo DA hospitalidade e o estudo PARA a hospitalidade), coloca como distintas, mas necessariamente relacionadas, as atividades de produção de conhecimento voltado para a construção teórica e para o exercício social e empresarial da hospitalidade. Na prática, esta intenção evidenciou-se com o primeiro dia do evento dedicado a estudos de natureza conceitual e epistemológica e o segundo a estudos desenvolvidos no âmbito universitário, por alunos de programas de diversos níveis, voltados para o mercado de trabalho e dedicados à inovação e à busca de soluções para problemas reais do mundo da hospitalidade.

Considerando a condição de nossa ativa participação em ambos os processos (o evento e esta edição especial), este artigo fala da relevância da noção de hospitalidade acadêmica e da importância do exercício constante de construção de laços sociais acadêmicos que colaborem para o combate da ignorância epistêmica e promovam o acolhimento efetivo das ideias do outro, na promoção de um nível de integração efetivamente positivo para todos.

Foi em 2002 que Isabel Baptista primeiro apresentou a noção de lugares de hospitalidade, apresentando-os como espaços dotados de qualidades que privilegiam a relação, “lugares de eleição para a mediação humana e [...] para a promoção dos valores necessários à vida em comum” (BAPTISTA, 2002, p. 163).

Partindo do sentido ético da hospitalidade, a autora defende que os laços de proximidade, responsabilidade e solidariedade são mais facilmente construídos em espaços acolhedores, ou em “espaços de hospitalidade”.

Também Marc Augé (1996, p. 23) aponta o espaço da relação como o lugar em que é possível promover o relaxamento da natural tensão que se instala previamente a qualquer encontro e em que se pode anular “o efeito perturbador do encontro com os outros”. O autor faz uso de suas tradicionais noções de lugar antropológico e de não-lugar para descrever também o espaço não-concreto em que são desenhadas as relações interpessoais, sejam elas de hospitalidade ou de hostilidade. Para ele, “lugares e não-

lugares correspondem a espaços muito concretos, mas também a atitudes e a posturas” (AUGÉ, 1996, p. 105).

De maneira complementar, Mustafa Dikeç, Nigel Clark e Clive Barnett (2009), ao concentrarem-se no estudo dos últimos escritos de Jacques Derrida e na interpretação que este faz da obra de Emmanuel Lévinas, aprofundam-se na estrutura teórica e normativa de análise contemporânea do tema nas Humanidades e nas Ciências Sociais – nos termos propostos por esses teóricos – e chegam à proposta de maneiras mais minuciosas, generosas e responsivas de relacionar-se com os outros. Essas maneiras de relacionar-se estariam mais abertas ao acolhimento do outro a partir da lógica da amizade e da solidariedade, mais do que da tolerância.

A proposta dos autores, a partir da interpretação do diálogo entre Lévinas e Derrida, é de definição do outro não em função de questões de fronteira, identidade ou pertencimento, como previa o discurso da modernidade, mas em função tão somente da ideia de distanciamento. O outro é aquele que vem de longe, não importando seu lugar no espaço, reconhecível ou pré-existente. Trata-se da alteridade vista como “uma modalidade temporal na qual encontramos o desconhecido: é o evento da nossa exposição e susceptibilidade à aquilo que é absolutamente surpreendente” (DIKEÇ, CLARK, BARNETT, 2009, p. 11).

Os autores colocam a hospitalidade como uma temporização, como um evento, como a ocasião da visitação, como a ocasião do encontro entre sujeitos, desde a perspectiva da abertura mútua à possibilidade real do descobrimento do outro: “não apenas um evento que ocorre *no* tempo, mas algo que gera ou *dá* tempo” (DIKEÇ, CLARK, BARNETT, 2009, p. 11). Nas palavras dos autores,

[...] “Tempo” é aquilo que a chegada do outro abre. É o que é dado no processo de acolher o outro. Responder à temporização da hospitalidade nos traz de volta à questão do período de tempo apropriado de uma jornada e às circunstâncias dentro das quais esses limites podem ser ultrapassados, excedidos ou esquecidos. Isso nos leva à questão da hospitalidade como um momento ou um instante à temporalidade estendida da paciência, do adiamento e do diferenciamento. Mais que isso, ela nos leva de volta à questão dos limites da própria vida, à experiência da finitude humana.

Pela análise das ideias apresentadas por Baptista (2002), Augé (1996) e Dikeç, Clark e Barnett (2009), surge a percepção de ocasiões espaço-temporais de exercício da hospitalidade que podem ser entendidas como “experiências de hospitalidade”. Situações em que o outro é acolhido não como o diferente, mas nas quais o natural estranhamento dado pela diferenciação é considerado uma extensão do eu – uma extensão perturbadora para todos, nova, com a qual eventualmente não se sabe lidar, mas que nos dá a oportunidade de estabelecimento de relações de respeito mútuo, materializadas no sentido espacial-temporal da alteridade.

Constroem-se, por essa lógica, espaços e tempos relacionais a partir dos quais são criadas novas referências, novos parâmetros, novo chão, pelos sujeitos que ultrapassam a condição de estranhamento e alcançam, em alguma medida, uma situação de convivência positiva. Por essa lógica, “todo ato de hospitalidade dá espaço, assim como dá tempo” (DIKEÇ, CLARK, BARNETT, 2009, p. 13).

Este texto carrega experiências pessoais de hospitalidade, vividas em Nottingham, São Paulo e Valladolid e que, para além de influenciar nossas opções e posturas acadêmicas desde então, consolidaram-se na materialização de nossa participação no evento citado e nesta edição conjunta. Nessas experiências, vividas especialmente na última década, aconteceram encontros efetivos, marcados por sua dimensão ética e descritos por Baptista como sinônimo de hospitalidade, ou de um “encontro interpessoal marcado pela atitude de acolhimento em relação ao outro” (BAPTISTA, 2002, p. 157).

Contexto e contradições no processo recente de desenvolvimento das comunidades acadêmicas dedicadas ao estudo da hospitalidade

Em abril de 1997, foi em Nottingham, UK, que se reuniram pesquisadores britânicos interessados em compreender, desde perspectivas mais amplas que as historicamente dadas pela indústria hoteleira e de *catering*, o sentido do termo hospitalidade. Este encontro e os movimentos de produção de conhecimento em

hospitalidade dele decorrentes deu origem ao livro *Em busca da hospitalidade: perspectivas teóricas para um mundo globalizado* [*In search of hospitality: theoretical perspectives and debates*], editado na Grã- Bretanha em 2000, por Conrad Lashley e Alison Morrison e que marcou as pesquisas na área, vindo a constituir-se como uma referência, em língua inglesa ou a partir de traduções, para um sem número de pesquisas e estudos sobre o assunto, em todo o mundo.

De fato, como declaram à época os editores, o livro era “não a palavra final, mas um começo, a partir do qual o assunto se desenvolveria e cresceria” (LASHLEY, MORRISON, 2000, p. XVI). O livro *Em busca...*, em meio à relevante contribuição geral dada à comunidade científica, trouxe um capítulo teórico de Conrad Lashley, intitulado “Por um entendimento teórico” [*Towards a theoretical understanding*], em que o modelo dos três domínios da hospitalidade foi apresentado. Foi a partir da publicação deste texto que o nome de Conrad Lashley afirmou-se como uma das mais importantes referências para os estudos de hospitalidade (desde esta perspectiva mais ampla e abrangente), em língua inglesa e, em especial, no âmbito das pesquisas vinculadas às áreas do turismo, hotelaria, gastronomia e entretenimento.

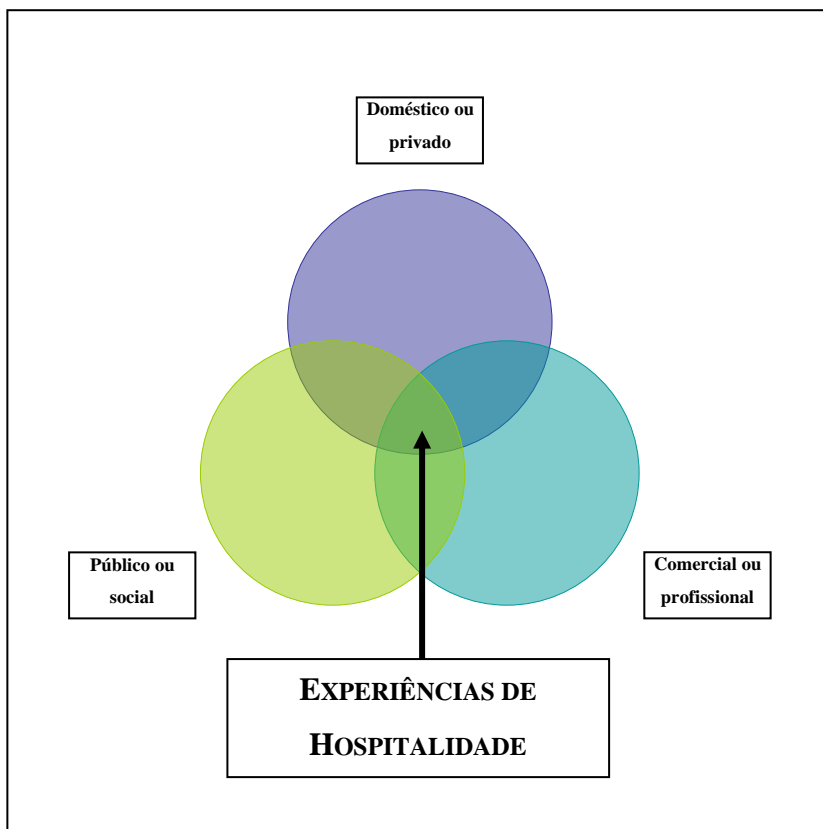


Figura 1: Modelo dos três domínios de hospitalidade

Fonte: Adaptado de Lashley (2000).

Em 2007, os mesmos autores, com a colaboração de Paul Lynch, publicaram a coletânea *Hospitality: a social lens*, uma espécie de continuação do primeiro livro, com maior presença de autores não-britânicos, escrevendo em língua inglesa. Na ocasião, atestaram que, desde o lançamento de *Em busca...*, “registrou-se crescente interesse internacional pelo estudo da hospitalidade a partir de um sem número de perspectivas da ciência social” (LASHLEY, LYNCH, MORRISON, 2007, p. 1-2) e tornou-se evidente que “o estudo da hospitalidade ganhou *momentum*, profundidade, massa crítica e maturidade, indicando sua significância como um domínio de pesquisa fértil e relevante”.

No primeiro capítulo deste livro, intitulado “*Hospitality: an introduction*”, Lashley, Lynch e Morrison apontam já o reconhecimento do modelo proposto por

Lashley em 2000 como uma referência que estabelece as dimensões sociais dos estudos de hospitalidade, para além de sua natureza econômica.

No dizer dos autores,

Lashley (2000) deu valiosa contribuição ao oferecer um modelo de três domínios como um caminho que nos permite começar a compreender esta conceituação mais ampla de hospitalidade. [...] Ele nos ofereceu um quadro simplista, mas bastante útil no qual podemos localizar os estudos de hospitalidade. (LASHLEY, LYNCH, MORRISON, 2007, p. 2)⁴

Quase que em paralelo, em São Paulo, Brasil, desenvolvia-se na Universidade Anhembi Morumbi (UAM), onde o Programa de Mestrado em Hospitalidade⁵ havia sido criado em 2000, o trabalho multidisciplinar de pesquisadores advindos de diversas áreas, dedicados a buscar a “amplitude da abordagem da hospitalidade”, por intermédio de pesquisas voltadas para a “variada gama de atividades envolvidas com o receber humano” (DIAS, 2002, p. VIII).

Como exercício acadêmico, este grupo organiza no decorrer dos anos algumas coletâneas, nas quais começam a ser compartilhadas com o público, este também em processo de formação, suas ideias e propostas sobre hospitalidade.

⁴ Em que pese o conceito de Conrad Lashley ser chamado de “simplista” pelos autores, bem como o fato de ter sido criticado por diversos acadêmicos, entre os quais Slattery (2002), que apresentou a crítica mais severa e gerou uma discussão polêmica, apresentada no formato de cinco artigos científicos subsequentes (BROTHERTON, 2002; SLATTERY, 2003; BROTHERTON, 2003; JONES, 2004a, 2004b), parece inegável a sua contribuição no sentido de propor o modelo dos “três domínios” da hospitalidade e de, por conta deste conteúdo, dar voz a uma série de autores que, ao concordar ou não com as ideias por ele apresentadas, colaboraram, todos, no mundo todo, para o amadurecimento do campo da hospitalidade.

⁵ A despeito de já haver, no Brasil, diversos outros programas de pós-graduação *stricto sensu* em Turismo nos quais o tema da hospitalidade é constantemente visitado, o programa da UAM, ao ser implantado em 2000, trouxe como proposta a dedicação direta e prioritária ao tema, o que transformou a universidade no principal celeiro de produção de conhecimento científico ligado à área. Esta condição foi fortalecida com a criação do periódico científico *Hospitalidade*, em 2004, revista na qual são publicados artigos associados diretamente a esta área de estudos. Entre 2004 e 2014, foram produzidas no programa da UAM cerca de 240 dissertações de mestrado e, no mesmo período, foram publicados na revista *Hospitalidade* mais de 140 artigos, o que caracteriza um dos mais profícuos movimentos de divulgação de pesquisas relacionadas à área, em todo o mundo.

Nas primeiras publicações vinculadas ao programa⁶, evidencia-se a influência direta da comunidade francesa de acadêmicos interessados no tema da hospitalidade, representada especialmente pelo Prof. Dr. Alain Montandon, da Université Blaise Pascal – Clermond Ferrand e pelo Prof. Dr. Michel Maffesoli, da Université Paris V – René Descartes (estes convidados a participar das coletâneas citadas), bem como da Profa. Dra. Anne Gotman, da Université Paris V – René Descartes.

Os autores reunidos nessas publicações fazem amplo uso da concepção teórica francesa de hospitalidade, tomada a partir da sociologia/antropologia/filosofia de Marcel Mauss, Emmanuel Lévinas e Jacques Derrida⁷.

Nos livros organizados por Célia Maria de Moraes Dias, Ada de Freitas Maneti Dencker e Marielys Siqueira Bueno, a matriz teórica inglesa de hospitalidade é citada diretamente em apenas cinco dos 19 capítulos, sendo que dois deles foram escritos pelo mesmo autor (Prof. Dr. Luiz Octávio de Lima Camargo), um em cada uma das publicações.

Nas cinco citações, faz-se referências à obra organizada por Lashley e Morrison (2000) e, em um dos casos, a um capítulo da coletânea, escrito por David Botterill⁸. Todas as cinco referências são feitas a partir de consulta ao original em inglês e, na prática, apenas evidenciam que se havia tomado conhecimento da obra em inglês e registrado a percepção de sua relevância, sem que, entretanto, houvesse indícios de maior aprofundamento no conhecimento e/ou compreensão plena de seu conteúdo.

O destaque dessas duas primeiras coletâneas vinculadas ao programa da UAM fica por conta, no que diz respeito ao constructo de natureza teórica voltado para a

⁶ Quais sejam, (a) DIAS, Célia Maria de Moraes (org.). *Hospitalidade: reflexões e perspectivas*. Barueri: Manole, 2002 e (b) DENCKER, Ada de Freitas Maneti e BUENO, Marielys Siqueira (org.). *Hospitalidade: cenários e oportunidades*. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2003.

⁷ Os estudos relacionados à chamada matriz francesa de hospitalidade, embora restritos à comunidade linguística francesa, foram amplamente traduzidos e incorporados por grupos acadêmicos em todo o mundo, inclusive pelas comunidades científicas brasileiras, influenciando-as sobremaneira. Esta relação de influência e os termos em que se deu (ou não) a interação de estudos não é objeto deste texto e, portanto, não surge no foco das discussões aqui apresentadas.

⁸ BOTTERILL, David. Social scientific ways of knowing hospitality. In: LASHLEY, Conrad, MORRISON, Alison. *In search of hospitality: theoretical perspectives and debates*. Londres: Butterworth-Heinemann, 2007(2000), p. 177-197. (Hospitality, Leisure and Tourism Series).

hospitalidade, dos capítulos escritos por Luiz Octávio de Lima Camargo, que com o passar dos anos viria a firmar-se como uma das referências mais importantes para o estudo do tema, no Brasil. Em dois capítulos, publicados em cada uma das coletâneas, o autor apresenta sua opinião a respeito do caminho a ser seguido pelas ciências da hospitalidade.

No primeiro deles, argumenta ser relevante “dotar a área da hospitalidade da necessária relativa autonomia em relação aos campos do turismo e da administração” (CAMARGO, 2002, p. 15) e cita o esforço do grupo britânico em “delimitar ontologicamente a hospitalidade”.

Neste texto, Camargo indica conhecer a proposta da obra inglesa, que consulta no original, mas não se aprofunda em sua análise. A tradução para o português do livro organizado por Lashley e Morrison viria a ser lançada no Brasil em 2004 e, durante os anos de 2002 e 2003, Camargo atuaria como revisor técnico da publicação, momento em que tomaria mais contato com os autores britânicos, em especial Conrad Lashley.

Os resultados desta experiência ficam evidentes no texto que Camargo publica na segunda coletânea vinculada à equipe da UAM, intitulado “Os domínios da hospitalidade”. Nele, o autor apresenta sua proposição teórica de abordagem dos campos associados às ciências da hospitalidade. Incorpora parcialmente a nomenclatura dos ‘domínios’ da hospitalidade e a proposta de sua abordagem desde a perspectiva social, comercial e doméstica, nos termos do sugerido por Lashley (2000) e os expande, acrescentando a eles o domínio do espaço virtual e organizando-os em um eixo social, materializado no que chama de “espaços” da hospitalidade.

A este eixo, o autor contrapõe o eixo cultural, organizador dos “tempos” da hospitalidade, estes representados pelas categorias de ação ligadas à recepção, à hospedagem, à alimentação e ao entretenimento de pessoas.

Esta contraposição constitui a ‘matriz de domínios’ por ele concebida, que expõe possibilidades decorrentes da contraposição dos tempos e dos espaços em que se exercita a hospitalidade humana.

Ao propor seu modelo analítico-operacional, o autor acaba, intencionalmente ou não, por orientar posicionamentos metodológicos e de definição e delineamento de

objetos de pesquisa, pautados em “dezesseis campos teóricos para o estudo da hospitalidade humana” (CAMARGO, 2003, p. 19), o que influenciará sobremaneira os estudos teóricos e aplicados desenvolvidos nos anos subsequentes, no Brasil.

Contraditoriamente, Camargo, pesquisador profundamente influenciado pela cultura francesa⁹, encontra na comunidade britânica a inspiração para a concepção de seu modelo de abordagem dos temas da hospitalidade.

| | Recepcionar | Hospedar | Alimentar | Entreter |
|------------------|---|---|---------------------------------|--|
| Doméstica | Receber em casa | Oferecer pouso e abrigo em casa | Receber em casa para refeições | Receber para festas |
| Pública | Receber em espaços públicos de livre acesso | Hospitalidade do lugar – na cidade, no país | Gastronomia local | Espaços públicos de lazer e eventos |
| Comercial | Receber profissionalmente | Hospitalidade profissional – em MH, hospitais, presídios | Restauração profissional | Eventos em espaços privados |
| Virtual | Receber na net – a net-etiqueta | Hospedagem de sites | Gastronomia eletrônica | Jogos e entretenimento eletrônico |

Figura 2: Matriz dos tempos e espaços da hospitalidade

Fonte: Adaptada de Camargo (2003)

Se isso não é por si suficientemente perturbador, inquietamo-nos também no momento em que percebemos que, em que pese a profundidade e seriedade dos estudos conduzidos durante as décadas de 1990 e 2000 no que diz respeito à hospitalidade, tanto no âmbito das escolas das quais participam pesquisadores cuja língua dominante é o

⁹ Luiz Octávio de Lima Camargo viveu por seis anos em Paris, onde cursou especialização e doutorado pela Université Paris V – René Descartes. Sua tese de doutoramento, intitulada *Genese du loisir dans les pays en voie de developpement: le cas du Brésil*, foi desenvolvida sob orientação de Joffre Dumazedier, um dos mais renomados sociólogos franceses.

inglês, quanto no contexto das comunidades acadêmicas em que prevalecem estudos em língua portuguesa, ambas as comunidades constituem mundos dissociados de pesquisa, cuja integração não chega a acontecer de fato, embora se registrem algumas poucas interações entre pesquisadores que dominam um e outro idioma.

Pelo lado do Brasil, com a tradução do livro *Em busca...*, em 2004, por iniciativa da editora Manole, parte das proposições de natureza teórica e/ou aplicada apresentadas pelo grupo britânico (e seus pares de Nova Zelândia, Austrália, Estados Unidos e outros países, que participam da coletânea) passa a ser conhecida pelas comunidades acadêmicas brasileiras, em especial as que atuam em programas de pós-graduação. Registre-se que a edição brasileira do livro organizado por Lashley e Morrison é, ainda hoje, das poucas obras em língua inglesa traduzidas para o português e, portanto, uma das poucas referências do mundo anglófono para os estudos contemporâneos de hospitalidade desenvolvidos no Brasil, desde esta perspectiva temática mais abrangente.

Não houve, desde então, outras traduções de originais em inglês voltados para o tema da hospitalidade, o que é lamentável considerando a quantidade de obras de vulto lançadas internacionalmente, nos últimos 15 anos¹⁰. O caminho contrário não existe – pesquisadores de língua inglesa têm envolvimento mínimo ou nulo com as comunidades de pesquisa de língua portuguesa dedicadas à hospitalidade e não há nada sobre o assunto escrito em português publicado em língua inglesa, seja na forma de livros de autoria individual ou organizados, ou de artigos científicos.

Entre os grupos de pesquisadores brasileiros dedicados à hospitalidade, têm prevalecido associações de ensino e pesquisa com comunidades de estudiosos portugueses e franceses e, eventualmente, espanhóis. Essas associações se materializam em alguns (poucos) artigos escritos em conjunto, participações pontuais e esporádicas em grupos e projetos de pesquisa, encontros em eventos internacionais, visitas interinstitucionais e participações em coletâneas publicadas no Brasil no formato de

¹⁰ Um levantamento da produção em hospitalidade vinculada às comunidades acadêmicas de língua inglesa, francesa, espanhola e portuguesa vem sendo realizado por Ana Paula Spolon, junto ao Programa de Pós-Doutorado da Universidade de São Paulo (USP), em projeto de pesquisa vinculado à Escola de Artes, Ciências e Humanidades (EACH).

livro¹¹. Do ponto de vista da associação entre Brasil e Portugal, desde o início houve relativa interação, o que talvez seja decorrente da facilidade de comunicação, por aproximação linguística.

No que se refere à interação entre comunidades de pesquisadores de língua portuguesa e francesa, o que se observa é que pesquisadores de língua portuguesa incorporam de maneira recorrente, em suas pesquisas, a influência da escola francesa de hospitalidade, cuja matriz teórica vinda especialmente da filosofia, da antropologia e da sociologia é adotada por brasileiros e portugueses como referência em seus estudos. Grupos de pesquisadores franceses, entretanto, não parecem incorporar em seus estudos, na mesma medida, a teoria desenvolvida em língua portuguesa, por brasileiros.

Franceses e ingleses, por seu lado, permanecem distanciados, desenvolvendo suas linhas de pensamento sobre hospitalidade de forma desconexa e aparentando não se interessarem pela produção estrangeira.

É histórico, aliás, que se considere a língua inglesa como que uma língua universal em ambiente acadêmico e, por conta deste argumento, se justifique o relativo ou absoluto distanciamento da academia anglófona em relação ao que esteja escrito em francês. Da mesma forma, é conhecida a postura de resistência de determinadas comunidades linguísticas (entre elas a francesa) ao inglês, na tentativa de negação de sua evidente hegemonia.

Horácio Capel, catedrático de geografia da Universidade de Barcelona, defensor ferrenho da resistência a qualquer forma de hegemonia linguística, argumenta que no campo das ciências humanas e sociais, é muito comum que a academia ceda à pressão de reconhecimento do inglês como língua universal. Em sua opinião, entretanto, “pesquisas que só citam artigos em uma língua (seja esta o alemão, o francês, o inglês ou o espanhol) devem ser qualificadas como *de interesse puramente local*” e, para fortalecer sua opinião, concorda com o proposto pelo Instituto Universitário Europeu de Florença, que defende que uma pesquisa “é tanto mais valorizada quanto mais línguas

¹¹ Recentemente, destaque-se a publicação do livro *Laços sociais: por uma epistemologia da hospitalidade* (Caxias do Sul: Educs, 2014), organizado por Márcia Maria Cappellano dos Santos (Universidade Caxias do Sul - UCS, Brasil) e Isabel Baptista (Universidade Católica do Porto, Portugal), dividido em duas seções, cada uma composta por autores vinculados a Brasil e a Portugal.

são citadas em sua bibliografia” (CAPEL, 2004). A recusa ou a resistência a outro idioma, neste sentido, não deixaria de equivaler a um gesto de hostilidade.

É em função dessas aparentes desconexões e dificuldades que surgiu o desafio de compreender o estado de real (des)integração dos estudos de hospitalidade, em nível internacional e foi em meio ao esforço para vencer este desafio que Nottingham, São Paulo e Valladolid construíram, em termos profissionais e pessoais, nossas recentes experiências de hospitalidade.

Sobre encontros e perspectivas de solidariedade em ambiente acadêmico

Márcia M. Cappellano dos Santos, Olga A. Perazzolo e Siloe Pereira (2014) apresentam o conceito de corpo coletivo acolhedor para descrever o espaço fenomênico que se constrói entre sujeitos que “desejam acolher e ser acolhidos” e que, por conta desta disposição, “se reconhecem, interagem e se hospedam mutuamente” (SANTOS, PERAZZOLO, PEREIRA, 2014, p. 52-53).

Trata-se de uma perspectiva coletiva de hospitalidade, ou da proposta de reconhecimento de que a hospitalidade só pode ser exercida integralmente quando os sujeitos do encontro apresentam a disposição de efetivamente acolher e de serem solidários às ideias do outro.

Também Leonardo Boff (2006) aponta o respeito e o esforço na busca de convergências como fundamentais para a promoção de experiências de hospitalidade e para composições que promovam uma prática de convivência salutar e construtiva. Segundo o autor (BOFF, 2006), para efetivamente acolher o outro, seja ele próximo ou distante, é preciso que sejamos capazes de nos livrar de quaisquer pré-conceitos, promover o diálogo e o acercamento, observá-lo de maneira atenta e comprometida, cuidar para que a comunicação aconteça de maneira efetiva¹², compreender seu universo

¹² Para o autor, a respeito da comunicação, se necessário se deve promover inclusive esforços no sentido de ajustar-se às formas de intercâmbio linguístico, mesmo que no contexto de hegemonia de uma língua que seja considerada universal. Nas palavras dele, “haverá sempre uma língua geral, através da qual as

simbólico e promover com ele uma aliança, no sentido de empatia e de identificação. É nessas condições que “desembocamos [...] na convivência, a experiência mais abrangente de relação para com o outro diferente” (BOFF, 2006, p. 31).

A convivência efetiva, em termos globalizantes e inclusivos, dar-se ia, portanto, como aprendizado coletivo. Aconteceria no momento do reconhecimento do outro como o sujeito a ser acolhido, de forma solidária. Embora esta postura não apague ou anule diferenças ou o estranhamento natural provocado pelas pessoas que chegam, traduz-se na “capacidade de acolhê-las, deixá-las ser diferentes e, mesmo assim, *viver com elas e não apesar delas*” (BOFF, 2006, p. 33).

Seriam experiências de convivência afetiva e efetiva que criariam o “modo privilegiado de encontro interpessoal marcado pela atitude de acolhimento em relação ao outro”, nos termos do defendido por Baptista (2002, p. 157) e também por Dikeç, Clark e Barnett (2009).

Os encontros aqui relatados traduzem situações de convivência efetiva e afetiva, descritas no espaço-tempo de experiências de hospitalidade.

A atenção ao outro e a supressão da distância: convivência, amizade e respeito na relação com Conrad Lashley e Luiz Octávio de Lima Camargo

por Ana Paula G. Spolon

Em 2012, em função das inquietações já apontadas, decidi enfrentar o desafio de construção de uma ponte que ligasse Nottingham a São Paulo ou, em termos mais genéricos, que buscasse estabelecer comunicação efetiva entre dois grupos de pesquisadores que, em minha opinião, vêm produzindo nas últimas décadas relevante constructo teórico sobre o tema da hospitalidade – os de Brasil e da Grã-Bretanha.

Neste contexto, decidi buscar aproximação com quem considero que sejam os dois expoentes desses grupos, o Prof. Dr. Conrad Lashley (atualmente vinculado à Stenden University of Applied Sciences, nos Países Baixos) e o Prof. Dr. Luiz Octávio

pessoas podem encurtar caminhos e realizar o conhecimento participante [...]. Entretanto, a língua de cada povo é insubstituível e representa uma de suas maiores riquezas” (BOFF, 2006, p. 29).

de Lima Camargo (atualmente vinculado à Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo e também à Universidade Anhembi Morumbi, no Brasil).

A escolha de ambos não se deu pelo fato de serem únicos, ou diferenciados, em termos de produção ou da qualidade de sua produção. Não é nem nunca foi minha intenção atribuir-lhes supremacia ou colocá-los em posição de superioridade, em relação a quaisquer outros pesquisadores. Explica-se esta seleção por conta da primazia de ambos na proposição de modelos que foram capazes de sistematizar o pensamento científico acerca da hospitalidade, em língua inglesa e em língua portuguesa, dentro do contexto de abordagem do tema a partir de um espectro relacionado às ciências humanas e sociais. A seleção se dá no sentido de sua iniciativa de proposição de modelos que se tornaram referência para estudos subsequentes, o que acabou por definir o grau da relevância de ambos, como pesquisadores, para o cenário da pesquisa internacional em hospitalidade

Eu já havia conhecido o professor Conrad Lashley em 2010, quando de uma visita à Inglaterra. Solicitei a ele, na ocasião, um exemplar do livro *Hospitality retail management: a unit's manager guide*, que eu viria a adaptar e traduzir em 2011 para a Editora Elsevier, como parte da Coleção Eduardo Sanovicz¹³. Ele aceitou minha sugestão de um encontro, viajou desde Nottingham por mais de duas horas de trem, encontrou-me na British Library de Londres num dia chuvoso e frio, almoçamos, conversamos e ele me entregou uma sacola pesada, dentro da qual estavam todos os livros publicados por ele junto às editoras Elsevier e Butterworth-Heinemann. Falamos um pouco sobre a tradução, ele me contou algo de sua vida profissional, perguntou do meu trabalho e sobre meus interesses acadêmicos. Despedimo-nos e ele se foi rumo à estação, tomar o trem de volta para casa.

Foi em uma mensagem eletrônica enviada em dezembro do ano de 2012 que retomei nosso contato. Estando em Barcelona para realização de um programa de pós-doutoramento, escrevi ao Prof. Lashley propondo um encontro, no qual pudéssemos conversar sobre a produção científica internacional na área de hospitalidade, em

¹³ Para esta coleção, adaptamos o referido livro escrito por Lashley em 2000 e que ganhou corpo na seguinte obra: LASHLEY, Conrad; SPOLON, Ana Paula. *Administração de pequenos negócios de hospitalidade: guia do gestor*. Rio de Janeiro: Campus Elsevier, 2011. [Coleção Eduardo Sanovicz].

especial no que dizia respeito a pressupostos teóricos e metodológicos de tratamento do tema.

Disse que gostaria ainda de oferecer a ele um panorama do que vinha sendo feito no Brasil, nas décadas recentes. Mensagem enviada e a proposta foi aceita, com a contrapartida do envio de um convite para meu marido e eu visitarmos Nottingham por alguns dias e sermos recebidos por ele e por sua esposa, na casa deles.

Anos depois, ainda nos parece surpreendente que a resposta àquela mensagem tenha sido esta e ainda nos emocionamos ao nos lembrarmos daquele período nas frias terras saxãs cuja origem data do século VI e cujo imaginário é alimentado pelas histórias de Robin Hood, com as quais tomamos contato em nossa adolescência.

Foram três dias adoráveis, em que o Prof. Lashley tornou-se Conrad e se mostrou exímio cozinheiro, apreciador de bons vinhos e de música clássica e dono de um humor apurado e de uma sensibilidade ímpar. A acolhida a nós concedida por ele e por sua esposa traduziu-se em um comportamento social que contradiz os argumentos de que, na prática, a hospitalidade incondicional é impossível. É possível, desde que de fato estejamos abertos a conhecer o outro, a ouvi-lo e a demonstrar respeito por sua história.

De volta a São Paulo, decidi desta vez entrar em contato com o Prof. Dr. Luiz Octávio de Lima Camargo, que não conhecia pessoalmente, a despeito do já extenso caminhar de cada um de nós na área de turismo e hospitalidade e de nos termos cruzado em diversas ocasiões, em eventos e mesmo no exercício profissional.

De novo, evidenciou-se o respeito e uma disposição para o relacionamento, raros no ambiente acadêmico. Luiz tomou um café comigo na área de convivência da EACH-USP e mostrou enorme interesse em me ouvir. Dias depois, abriu-me a porta de sua casa, recebeu-me em meio à sua família, desfez a informalidade e promoveu o vínculo afetivo que desde então vimos mantendo.

Naturalmente, o diálogo tornou-se fresco, leve e carregado de sentidos e de significados. Luiz tornou-se uma figura próxima, com quem não tenho medo de dialogar, a despeito da ousadia de tê-lo questionado em 2009, a respeito do que

considero a lacuna de seu modelo proposto para a hospitalidade: o caráter estático da matriz dos 16 domínios.

Esses dois movimentos de aproximação, iniciados há pouco mais de três anos, foram somente o início de um processo de interação que vem se desenrolando continuamente, entremeado de aprendizado para todos nós e que gerou, desde então:

- uma conferência internacional, promovida pela *Academy of International Hospitality Research* (AIHR), em novembro de 2014, na qual estiveram diretamente envolvidos pesquisadores de diversos países;
- esta publicação conjunta dos periódicos científicos *Journal of Research in Hospitality Management* e *Revista Hospitalidade*, com conteúdo comum (13 artigos), em dois idiomas e envolvendo 23 pesquisadores, de vários países e associados a diversas instituições;
- um acordo de cooperação internacional sendo desenhado entre a Stenden University of Applied Sciences (Países Baixos) e o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo (IFSP, Brasil);
- um projeto de pesquisa ao qual estão vinculados quatro pesquisadores de universidades brasileiras e dois de universidades holandesas, além de onze alunos brasileiros;
- publicações e comunicações em parceria, voltadas para o tema da hospitalidade.

Mais relevante, entretanto, parece-me ser o porvir. São as perspectivas de compartilhamento de saberes e de vivências de solidariedade que são dadas a pesquisadores de diferentes (e, exatamente por isso, atraentes) mundos – tanto do ponto de vista cultural quanto linguístico – que têm, a despeito disso, muito em comum.

Em última instância, o que me agrada é, mais que os contatos estabelecidos, a oportunidade de ter sido ponte. De colaborar para o estabelecimento de pontos de inflexão e, por eles, perceber mais próximos dois universos acadêmicos que, antes, pareciam-me algo distanciados. Minha alegria vem de ter podido promover encontros pessoais que se multiplicaram e que deram vez a novos encontros e, ao fim, perceber por meio dessa experiência que, de fato, como defende André Farias (2014, p. 125), “a

vida no encontro com o outro, com o estrangeiro, *com toda espécie de estrangeiro*, é muito mais interessante, muito mais instigante”.

Pensar substantivamente a hospitalidade no diálogo Brasil-Portugal

por *Isabel Baptista*

Pensar a hospitalidade de forma substantiva, como uma dádiva, conforme sugerido por Camargo (2002, 2008), valorizando-a em toda a sua amplitude socioantropológica e axiológica, implica considerar um campo de teorização muito vasto e especialmente denso, do ponto de vista humano. Para Camargo, o desafio começa, desde logo, por conceber a experiência turística como “fato social, como ritual e como ética” (CAMARGO, 2008, p. 24), segundo uma visão paradigmática que obriga a ampliar, a aprofundar e a transcender os limites epistemológicos tradicionalmente associados às áreas do turismo, da hotelaria ou da gastronomia. O autor sugere que, nesses termos, “o objeto da pesquisa deixa de ser apenas e tão somente o turista em viagem que busca um quarto ou uma refeição, podendo ser também o migrante, o estrangeiro, o diferente, o estranho” (CAMARGO, 2002, p. 14).

Na verdade, esta visão da hospitalidade inspirada na concepção maussiana da dádiva introduz eixos de reflexão epistemológica bem mais amplos, remetendo-nos para as condições de desenvolvimento do pensamento complexo, enquanto pensamento capaz de heterodoxia, ou seja, enquanto pensamento capaz de acolher e processar criativamente o desconhecido e o imponderável. Nesta perspectiva, trata-se não só de abrir caminho para o diálogo interdisciplinar e para o estudo comparado sobre os modos de receber (CAMARGO, 2002, p. 17), mas também de reconhecer a hospitalidade como elemento estruturante da própria razão e, nessa medida, como condição de emergência de “mentalidades científicas hospitaleiras”, o que é o mesmo que dizer de inteligências sensíveis, cosmopolitas e problematizadoras.

São estes, no essencial, os pressupostos teóricos que têm servido de base ao intenso trabalho de cooperação acadêmica desenvolvido entre Portugal e Brasil durante

a última década, particularmente entre o Programa de Mestrado em Hospitalidade da Universidade Anhembi Morumbi (UAM/SP) e o Programa de Mestrado em Pedagogia Social da Faculdade de Educação e Psicologia da Universidade Católica Portuguesa – Porto (FEP/UCP).

Como sempre acontece nas situações de hospitalidade autêntica, na origem desta história singular de hospitalidade acadêmica está um gesto muito pessoal de acolhimento dirigido a um Outro. Refiro-me aqui em concreto ao convite que me foi dirigido, via correio eletrónico, para integrar a obra organizada por Célia Dias, o livro *Hospitalidade: reflexões e perspectivas*, publicado no Brasil em 2002.

De toda forma, aquilo que poderia não ter passado de uma e apenas mais uma oportunidade de participação internacional, viria a dar lugar a um ciclo de dádivas sucessivas, pontuado por uma multiplicidade de encontros (presenciais e à distância), de intercâmbios académicos, de publicações conjuntas e de projetos de trabalho comuns. Foi justamente neste contexto que, uns anos mais tarde, me foi dada a oportunidade de integrar, na qualidade de conferencista convidada, o 1º Colóquio Internacional sobre Hospitalidade, promovido pela UAM e que contou com Luiz Octávio de Lima Camargo como debatedor (São Paulo, 2007). A forma como fui recebida, acarinhada e acolhida nessa ocasião transcendeu largamente o patamar da cordialidade académica, traduzindo-se numa surpreendente, inesquecível e impactante experiência de hospitalidade. De tal maneira que, desde então, o meu trabalho sobre hospitalidade passou a ser inseparável da ligação pessoal, profissional e institucional com os autores brasileiros, com reflexos bem evidentes na produção académica na área, em Portugal.

Ao evento de São Paulo seguiu-se a organização conjunta do 2º Colóquio Internacional sobre Hospitalidade, organizado desta vez em Portugal, na cidade do Porto, no ano de 2009. E daí em diante, a dinâmica de cooperação entre os dois países de língua portuguesa nunca mais parou, salientando-se, por exemplo, o protocolo de colaboração celebrado entre as revistas das duas instituições parceiras, a *Revista Hospitalidade* (UAM/SP) e a revista *Cadernos de Pedagogia Social* (FEP/UCP) e a promoção de projetos de pesquisa conjuntos. Entre estes, destaca-se o projeto sobre hospitalidade urbana, concretizado através de dois sub-projectos, o São Paulo

Welcomes e o Porto Welcomes, coordenados respectivamente por Maria do Rosário Rolfsen Salles (UAM) e por Isabel Baptista (UCP) e desenvolvidos por vasta equipe de pesquisadores convidados e estudantes dos respectivos programas de mestrado e de doutorado¹⁴.

Para os autores portugueses, este diálogo revelou-se decisivo para a afirmação de novas linhas de reflexão em torno da questão da hospitalidade. O contato com investigadores brasileiros como Ada de Freitas Maneti Dencker, Elizabeth Kyoko Wada, Luiz Octávio de Lima Camargo, Marielys Siqueira Bueno, Miriam Rejowski, Raul Rego, Maria do Rosário Rolfsen Salles e Sênia Bastos, entre muitos outros, permitiu alimentar um verdadeiro ciclo de dar-receber-retribuir, gerador também de novas “pontes atlânticas”, especialmente no quadro da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo (ANPTUR) e do grupo de pesquisa coordenado por Márcia Cappellano dos Santos junto à Universidade de Caxias do Sul (UCS), no Brasil.

Para que se possa perceber a influência, no contexto português, desta corrente de hospitalidade, em boa medida tributária do pensamento de Luiz Octávio de Lima Camargo, importa realçar que, há dez anos, em Portugal os trabalhos académicos sobre hospitalidade eram escassos e majoritariamente inscritos na antropologia filosófica.

Minha própria reflexão sobre o assunto circunscrevia-se na altura a este campo, pela tentativa de fundamentar a noção de “hospitalidade subjetiva” no quadro de uma filiação conceitual de matriz francesa, inspirada em autores como Emmanuel Lévinas e Jacques Derrida (BAPTISTA, 2002).

Continuando a associar a hospitalidade à trama intersubjetiva produzida no encontro rosto a rosto, esta linha de problematização tem sido ampliada, convergindo

¹⁴ O objetivo principal deste projeto consiste na produção de conhecimento teórico e prático sobre indicadores de hospitalidade urbana, através do estudo das dinâmicas de acolhimento social características das duas cidades, Porto (Portugal) e São Paulo (Brasil), visando obter elementos de análise comparativa sobre práticas de hospitalidade relativas ao acolhimento de cidadãos estrangeiros. Tendo por referência as entidades que prestam serviço de acolhimento a este grupo humano tendencialmente vulnerável, pretendeu-se investigar sobre as suas práticas organizacionais, averiguando ao mesmo tempo sobre o modo como os próprios cidadãos se sentem acolhidos e apoiados. De maneira a assegurar a consistência do projeto comum, os pesquisadores responsáveis por cada um dos sub-projetos funcionam reciprocamente como consultores científicos externos, comprometendo-se assim a promover um diálogo interinstitucional e interpessoal permanente.

hoje para a defesa de uma “ética da hospitalidade” alicerçada no tríptico acolhimento, responsabilidade e bondade. Este pensamento tem sido aplicado à educação e às chamadas *people professions*, incluindo neste âmbito a esfera de atuação referente às tradicionais áreas de hospitalidade, como o turismo (BAPTISTA, 2007, 2010, 2014).

Atualmente, em Portugal, embora ainda não se possa dizer que os estudos sobre hospitalidade correspondem a uma área de conhecimento autônoma, existem já linhas de pesquisa específicas e bem consolidadas, destacando aqui a linha sobre ‘Pedagogia e Hospitalidade Urbana’, enquadrada pelo Centro de Estudos em Desenvolvimento Humano (CEDH- UCP) e com expressão evidente em muitas dissertações de mestrado e doutorado.

Neste contexto acadêmico, a hospitalidade tem servido para pensar, por exemplo, os modelos de gestão das escolas, os processos de desenvolvimento curricular, os modelos de relação educativa e as identidades profissionais dos educadores. Mas é sobretudo no âmbito da pedagogia social, a ciência da educação, que se elege como objeto de estudo a *práxis* socioeducativa na pluralidade das suas dimensões (formais, não formais e informais), que os temas de hospitalidade, em particular da hospitalidade urbana, têm vindo a ganhar destaque, seja no plano do debate teórico, seja no plano de concretização de políticas públicas.

Como lembra recorrentemente Camargo, as cidades funcionam como lugares privilegiados de hospitalidade social, envolvendo pessoas e espaços. Por esta razão, “o investimento estético – de qualquer natureza – em ruas, praças, monumentos e a sua infra-estrutura de recepção e circulação, é uma manifestação regida pelo sistema de dádiva. A cidade se faz mais bonita e exhibe sua beleza aos que nela moram e aos que a visitam” (CAMARGO, 2008, p. 30).

Abordada neste sentido, a hospitalidade impõe-se como requisito de “laço inter-humano” e, conseqüentemente, como exigência de pedagogia social. Parte-se aqui do pressuposto de que as pessoas – todas as pessoas – possuem capacidade para aprender continuamente, efetivando os seus dons de perfectibilidade e educabilidade através da experiência de relação com os outros. E é aqui justamente que a pedagogia social desempenha um papel crucial, abordando, por um lado, a formação das pessoas ao

longo de todo o seu percurso existencial segundo lógicas de “aprendizagem na e com a comunidade” e centrando-se, por outro, na qualidade relacional dos lugares de vida.

Reconhece-se ainda que “analisar a hospitalidade, hoje, em qualquer circunstância, é desvelar o panorama ora da hospitalidade, ora da inospitalidade (ou de hostilidade), que ronda as relações humanas” (CAMARGO, 2008, p. 44). Uma inospitalidade que, assim, põe à prova a exigência de uma hospitalidade incondicional e extensiva a todas as pessoas, sem exceção. O caso das “pessoas sem-teto”, das pessoas radicalmente “sem lugar”, representa a este propósito um exemplo paradigmático, correspondendo nessa medida hoje a um dos nossos domínios privilegiados de pesquisa. Associamos, assim, o *ethos* da experiência turística ao *ethos* da experiência pedagógica, ambas valorizadas como experiências de alteridade por excelência. Afinal de contas, indexado à lógica da dádiva, o termo hospitalidade designa também um valor, remetendo, portanto, para uma “criteriologia do desejável” (CAMARGO, 2008, p. 28), própria da racionalidade educacional. Ou seja, vividas numa lógica de hospitalidade que vai muito para além da “finalidade mercadológica”, as relações interpessoais de caráter turístico constituem, em si mesmas, ocasiões de aprendizagem relacional.

Neste entendimento, consideramos que existe uma ligação possível entre as ciências do turismo e as ciências da educação, como surge bem patenteado através dos trabalhos produzidos ao longo destes anos no âmbito da cooperação binacional, permitindo afiançar que o desafio de pensar a hospitalidade substantivamente continuará no futuro a fecundar o diálogo Brasil-Portugal, com tudo o que tal possa implicar em termos de labor conceptual e metodológico.

Seja em que circunstância for, a hospitalidade funciona como ideia reguladora de dinâmicas sociais iluminadas pelo sentido de dádiva que advém das experiências de alteridade. Em particular para a cultura universitária contemporânea, as práticas de hospitalidade académica como as que acabo de referir constituem certamente um enorme desafio no sentido de abrir caminhos de conhecimento e de ação especialmente relevantes.

Relações entre mundos e tempos: um exercício de hospitalidade acadêmica entre Brasil e Espanha

por *Alexandre Panosso Netto*

Este relato de experiência é dado em resposta à proposta de compreender a hospitalidade em suas formas mais amplas e ao desafio de ampliar ainda mais o escopo das possibilidades de cooperação entre investigadores de mundos (países) e tempos (gerações) diferentes. Em particular, diz respeito à relação que se estabeleceu entre mim e o pesquisador espanhol Félix Tomillo Noguero¹⁵, bem como entre ele e outros pesquisadores do turismo e da hospitalidade, no Brasil.

Não sem razão e frente à profundidade e intensidade da relação que foi estabelecida entre mim e o professor espanhol, acabei, nos últimos anos, por tornar-me seu principal colaborador no Brasil e, por isso, este relato carrega forte cunho pessoal e emotivo. Fugir dos sentimentos despertados pela emoção da descoberta do outro e de novos conhecimentos, de um novo modo de pensar e agir, seria tratar o humano como máquina. Não é este meu propósito.

Tomillo Noguero nunca teve em seus estudos formais cátedras de turismo e ou hospitalidade. Sua formação se deu em Direito e em Ciências Políticas, na Universidade de Sussex, em 1986. Seu ingresso no campo do turismo se dá por ocasião da fundação da Escola Superior de Turismo de Valladolid, a primeira da Espanha, em 1964. A Escola funcionou por 40 anos ininterruptos, até quando fechou suas portas, em 2004. Durante esse período Tomillo Noguero tornou-se uma referência para os estudos turísticos e de hospitalidade no norte da Espanha, mais especificamente na região de Castilla y León.

¹⁵ O Prof. Dr. Félix Tomillo Noguero (Valladolid, 1943-2014) teria sido um dos autores deste artigo. É dele a primeira proposta da aplicação da noção de hospitalidade acadêmica, sem mesmo conhecer o texto de Phipps e Barnett, por nós aqui utilizado como referencial teórico. Este projeto editorial, o último no qual o professor Félix esteve engajado, perderia a chance de contar com a colaboração direta dele em julho de 2014, quando faleceu. Suas ideias, sugestões e, mais importante, exemplos e legado, permanecem em nós e permeiam o conteúdo deste trabalho. Seu último contato por email relativo a esta produção pedia que déssemos a ela um tom mais pessoal que o normalmente ditado por publicações acadêmicas – no entender dele, só era possível falar sobre relações humanas com emoção, nunca por intermédio de um linguajar medido, contido, frio e calculista.

Sua influência estendeu-se, alcançando atuações como consultor junto à Organização Mundial do Turismo (OMT) e como palestrante em dezenas de países. Quando faleceu, em julho de 2014, era professor convidado da Universidade de São Paulo (Brasil) e da Universidad Anáhuac Norte (México) e professor efetivo da Universidad Antonio de Nebrija (Madrid).

Em que pese o fato de Tomillo Noguero ter estado no Brasil em meados da década de 1990, como consultor e palestrante de turismo, esta sua primeira visita ao país foi muito pontual e não originou encontros, nem projetos.

Para o pesquisador, a hospitalidade se dava como concessão incondicional. Para ele:

A hospitalidade pura ou incondicional não consiste em um convite e menos ainda em um convite sem nobreza de espírito e codiciosa. Sem esta hospitalidade, não haveria surgido a concepção do outro, da alteridade. A hospitalidade-hospitalidade está de antemão aberta a todos, qualquer um pode entrar em nossas vidas, mesmo que não se espere e mesmo que seja absolutamente estranho, não identificável, imprevisível, cabalmente outro (TOMILLO NOGUERO, 2013, p. 176).

A adoção do conceito de hospitalidade incondicional tornou-se vital – no sentido epistemológico e prático – para Tomillo Noguero. Dentre as dezenas de artigos e livros que escreveu, muitos ficaram inéditos, mesmo assim são conhecidos, pois ele os distribuía graciosamente a seus alunos, colegas de trabalho e demais interessados. Além disso, desenvolveu muitos estudos teóricos que lhe foram encomendados, porém sem receber pagamento financeiro por eles.

Sua perspectiva de hospitalidade era clássica, original, essencial. O verbo grego clássico, seu preferido para expressar o fenômeno era *katalyō*, (καταλύω, *katalyō*, de *κατα*, *kata*, ‘inteiramente’ ‘de cima a abaixo’, e *λύω*, *lyō*, ‘desatar’), que significa (a) dissolver, (b) fazer a paz e (c) hospedar/hospedar-se (TOMILLO NOGUERO, 2010a). Demonstrando seu afeto e apreço pelo clássico, expressou:

Valeria a pena que nós, membros da civilização ocidental, que nos consideramos herdeiros do legado helênico, refletíssemos sobre sua disjuntiva e catalisássemos a transformação das mentalidades acerca da responsabilidade que assumimos quando nos ocupamos acadêmica ou profissionalmente da hospitalidade em geral e da hospitalidade

turística em particular. Quanto nos ensinam e quando nos falta por aprender dos aqueus, dórios, jônios, e eólios, cuja instalação na Grécia, ilhas do Egeu, Sicília, e diversas zonas do litoral mediterrâneo, foi a gênese da grande civilização da Hélade ou antiga Grécia (TOMILLO NOGUERO, 2010a, p. 214).

Em sua concepção, a hospitalidade, condição moral obrigatória de uma sociedade, é impreterível, fundamental, necessária, inevitável. Assim, a postura teórica deste autor também fundamentava sua postura prática do dia-a-dia. O ir e vir entre conceitos e ações formavam o mesmo fenômeno e a dissociação entre mundo prático e mundo teórico existia somente na mente dos mais desavisados, tal como evidencia a passagem:

A partir da epistemologia prática, creio que é fácil concordar com a teoria formal de Schön, a qual enfatiza a inseparabilidade teoria-prática, tanto que a teoria é situacional (ou seja, está ligada a um conjunto de fatores ou circunstâncias) e a prática é a compreensão e atuação pertinentes dentro de uma paisagem de valores e limitações situacionais. O objetivo da teoria não formal não é representar e explicar, senão interpretar, compreender e julgar (TOMILLO NOGUERO, 2010b, p. 237).

De seu trabalho inicial com o turismo, logo passou também aos temas da hospitalidade, não por desejo próprio ou por orientação externa, mas sim porque o fenômeno da hospitalidade o arrebatou. Isso ele não me falou, nem escreveu, simplesmente era evidente nele. Não conseguia mais perceber o turismo desconectado de seu fundamento primeiro: a hospitalidade. A noção do outro, na relação doméstica ou comercial, originava uma demanda: o hóspede, elemento frágil.

De seu interesse pela teoria do turismo, foi que em 2007 teve contato, por intermédio de um aluno seu de doutoramento, com o livro “Filosofia do turismo: teoria e epistemologia” (Editora Aleph, 2005), publicado por mim, que havia recém-concluído meu doutorado.

Concordando com algumas ideias, ampliando outras e discordando de muitas, Tomillo Noguero estabeleceu contato comigo e após várias trocas de emails encontramos-nos em Valladolid, em julho de 2007. Este foi o momento em que o sistema da dívida se estabeleceu com mais força entre dois pesquisadores de gerações diferentes, que viviam em mundos práticos diferentes, mas na mesma sintonia teórica. Mais: foi o momento em que a Espanha se abriu para um grande grupo de pesquisadores

e em que um grupo de pesquisadores do Brasil passou a receber influência daquele pesquisador espanhol. Tomillo Noguero passou a ser Félix e Panosso Netto passou a ser Alexandre.

A aproximação entre nós, desde o primeiro momento, foi uma ação de dádiva. Em seu primeiro email a mim encaminhado, datado de 22 de fevereiro de 2007, ele me presenteou com sua compreensão mais ampla e profunda sobre o turismo, a fim de se fazer entender. Em uma mensagem longa, destacou sua opinião sobre a importância de um projeto editorial sobre a epistemologia do turismo.

Sua compreensão de turismo não era superficial, nem ligeira e imediata. Era refletida, crítica, ampla e ao mesmo tempo profunda. Além disso, percebia de um modo *sui generis* a relação entre turismo e hospitalidade, advindo do sujeito *homo viator*, como ente primeiro de tais fenômenos, ampliado pelas reflexões universais da ética e da alteridade, tal como se manifestou na mesma mensagem:

Con las anteriores indicaciones, he pretendido que usted se pueda forjar una breve idea acerca de mi concepción del turismo, que califico como fundamentalmente esencialista u ontologista y eticista, y lo defino como viaje y hospitalidad (dos acciones y efectos simultáneos, recíprocos y biunívocos). Dentro del viaje destaco la universalidad de la doctrina del homo viator; y dentro de la hospitalidad, la universalidad de la ley de la hospitalidad, fuente de inspiración de la ética de la hospitalidad o alteridad (TOMILLO NOGUERO, 2007).

E, para terminar a mensagem, deixando claro que poderia ser iniciado ali um verdadeiro ciclo de dádiva, escreveu: “[...] ojalá, fuera éste el comienzo de una colaboración institucional y personal más amplia, profunda y a más niveles” (TOMILLO NOGUERO, 2007). E assim foi, porém nem ele, nem eu poderíamos imaginar, naquele momento, até onde chegaria tal colaboração e quão profunda ela seria.

A relação entre o pesquisador senior e o jovem pesquisador se fortaleceu motivada pela empatia e admiração mútuas, pelas possibilidades de aprendizagem, pelo futuro incerto a ser construído. Percebendo que Félix merecia ser conhecido por mais pessoas de meu círculo acadêmico, apresentei-o ao pesquisador mexicano Marcelino Castillo Nechar, da Universidad Autónoma del Estado de México. Em seguida,

tornaram-se colaboradores e Félix foi ao México para participar em conferências e em 2009 Castillo Nechar foi a Valladolid para desenvolver seu pós-doutorado em educação e turismo, sob a supervisão de Félix.

Em fins de 2009 Félix doou-me a biblioteca da Escola Superior de Turismo de Valladolid – nove toneladas de publicações. Esse acervo hoje se encontra da Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo, no Brasil, e forma a Coleção de Artes e Humanidades Félix Tomillo Noguero.

Em 2010 Félix esteve no Brasil para um evento acadêmico, desta vez acompanhado de sua esposa, Maria Francisca Colomo Campos. Participou de outros dois eventos adicionais, ambos em São Paulo. Nesses três eventos ele pôde ter contato e conhecer os principais investigadores do turismo e da hospitalidade do Brasil. E seu leque se ampliou. Além disso, ainda pode conhecer a Floresta Amazônica, na região de Santarém, no Pará. Era esse um de seus sonhos, certa vez confessou.

Por seu intermédio, em 2011, a Escola de Artes, Ciências e Humanidades da USP formalizou convênio acadêmico com a Universidad Europea Miguel de Cervantes-UEMC, de Valladolid. Deste então o fluxo de estudantes de graduação entre as universidades é contínuo. Félix recebia pessoalmente os alunos de graduação que pela primeira vez chegavam a Valladolid, numa clara demonstração de apreço pelo outro e de valorização da prática da hospitalidade.

As interações continuaram e, em 2011, Félix recebeu-me para meu pós-doutoramento, sendo meu supervisor. Deste ano de estudos se originou a investigação inédita intitulada “Origens do conhecimento turístico: fontes e desenvolvimento, do século XIX à Segunda Guerra Mundial”, hoje com perto de 1.500 páginas e duas mil fontes bibliográficas, em treze idiomas. Uma ideia deste estudo desenvolvido foi apresentada em artigo científico em 2011 (PANOSSO NETTO, TOMILLO NOGUERO, JAGER, 2011).

Como prova de reconhecimento de seu profundo saber, em maio de 2014 a Escola de Artes, Ciências e Humanidades da USP aprovou o processo-convite para que Félix fosse professor-investigador convidado, entre agosto de 2014 e julho de 2015. Ele atuaria por 12 meses nos programas de graduação e pós-graduação em turismo da

EACH-USP. Eu seria o professor responsável por ele no Brasil. Infelizmente esta visita não chegou a se efetivar, frente o falecimento do professor, em 2014. O ciclo da dívida foi interrompido com ele, mas hoje continua com María, sua esposa e com seus quatro filhos.

Félix por vezes era perfeccionista, devido a isso suas grandes obras ainda estão inéditas. Entre sua maior contribuição ao tema da hospitalidade está o livro *Las grandes religiones, la Biblia y el turismo*, que foi apresentado em forma de conferência em 1993, em La Coruña. Esse trabalho, em impresso simples, será publicado com novo título: *La hospitalidad en la Biblia y en las grandes religiones*.

Como forma de manter o nome e os ensinamentos de Félix, está sendo criada a *Cátedra Internacional de Hospitalidade e Turismo Félix Tomillo Noguero*, que contará, inicialmente, com universidades da Espanha, México, Colômbia e Brasil. Além disso também foi criado um *blog* para divulgar as ideias e trabalhos que estão sendo desenvolvidos relacionados ao saudoso professor (www.hospitalidad.info).

Colaboração, comprometimento, respeito: caminho para integração internacional das comunidades acadêmicas dedicadas à hospitalidade

Experiências de hospitalidade como as relatadas são experiências de encontros. Encontros são produto de convivência coletiva, em seu maior nível de inteireza e complexidade e dentro das possibilidades infinitas de interação, desde a mais cruel hostilidade até a expressão mais intensa de hospitalidade.

Uma declaração de Norberto Bobbio (1977) sobre o sentido da tolerância pode bem ilustrar o sentido ético das experiências de hospitalidade. Para o autor a tolerância, no sentido de aceitação do outro,

[...] vai ao encontro de uma concepção orgânica de sociedade, que privilegia a convivência coletiva. Neste sentido, propõe a contraposição e o diálogo entre diferentes culturas, em um espaço que permita a inquietação da pesquisa, o aguilhão da dúvida, a vontade do diálogo, o espírito crítico, a medida no julgar, o escrúpulo filológico e o sentido da complexidade das coisas (BOBBIO, 1977, p. 281).

A criação de um espaço de aceitação do outro, em seu sentido mais positivo, aquele que nos leva não a negar ou a resistir ao que é diferente, mas a contrapor ideias eventualmente incompatíveis com o intuito de buscar novas realidades baseadas no respeito e na solidariedade, parece imprescindível para a promoção da paz, no mundo contemporâneo. E parece o grande desafio a ser vencido pelas comunidades acadêmicas, em especial as que se dedicam ao estudo da hospitalidade, entre as quais não faz nenhum sentido a prática dissociada e introspectiva.

Experiências de hospitalidade acadêmica têm sido vividas em âmbito internacional em alguma medida, qualquer que seja. Os relatos aqui apresentados expõem esta realidade. Em termos mais ou menos complexos, relações entre pesquisadores de diferentes mundos e tempos têm sido construídas e alimentadas. E nada parece mais adequado a uma comunidade científica que manifesta interesse, ainda que parcial, pela ideia nuclear e transversal de hospitalidade e que tangencia temas globalizantes, entre os quais o turismo, a mobilidade, a inclusão, a cultura, o entretenimento, o lazer, a gastronomia, a hotelaria, os eventos, a diplomacia e o cosmopolitismo, entre tantos outros.

Nos quadros formais das universidades, das editorias de periódicos científicos, das associações de pesquisa e estudos de pós-graduação, junto às agências de fomento à pesquisa e no contexto dos eventos, entretanto, ainda há grandes desafios a serem vencidos no sentido da promoção efetiva da hospitalidade acadêmica.

Em fevereiro de 2013, logo depois da experiência de hospitalidade vivida em Nottingham, o Prof. Dr. Conrad Lashley levantou o questionamento sobre como seria possível conduzir um esforço de aproximação entre ele e o Prof. Dr. Luiz Octávio de Lima Camargo, falantes nativos de línguas diferentes, desconhecidas por ambos. Nada que um tradutor não resolva, pensamos, à época. Não é, de fato, tão simples assim. A tradução não dá conta, muitas vezes, de comunicar sentimentos e a experiência de hospitalidade, mediada pelo encontro, é que cria a essência do afeto fundamental à interação efetiva, nas relações pessoais.

Pareceu-nos lógico, naquele momento, buscar alternativas de promover não este encontro, mas um encontro entre as comunidades acadêmicas vinculadas a duas

diferentes comunidades linguísticas: a de anglófonos e a de falantes de português. E se definiu que isso se daria em torno do desafio de construção de um projeto que pudesse dar a essas comunidades a oportunidade de conhecer mais amplamente (além de apresentá-los) o pensamento de dois pesquisadores importantes para cada uma das escolas, britânica e brasileira: Conrad Lashley e Luiz Octávio de Lima Camargo.

Além disso, buscaríamos entregar à comunidade internacional dedicada aos estudos de hospitalidade, de uma maneira democrática e abrangente, o resultado deste diálogo. Desde o início ficou claro – e isso se manifesta novamente aqui – que não se parte do princípio que Lashley e Camargo sejam representantes de uma ‘escola’ ou detentores de qualquer supremacia em termos de produção de conhecimento em hospitalidade.

Eles são vistos, no âmbito deste projeto, como autores que, por terem entregado à comunidade de pesquisadores dedicados à hospitalidade modelos sistematizadores do pensamento a respeito das práticas de hospitalidade, passaram a figurar como referências importantes para o desenvolvimento do tema no âmbito do universo linguístico em que atuam. Suas propostas de abordagem da hospitalidade orientaram posicionamentos metodológicos, ajudaram a definir objetos de estudo e orientaram o desenho de um *corpus* teórico que continuou a desenvolver-se, dentro de cada um dos universos linguísticos aqui considerados e registrando maior ou menor influência da obra de cada um dos autores.

Dentro desta perspectiva e contando com o apoio da Academy of International Hospitality Research (AIHR), baseada na Stenden University of Applied Sciences, nos Países Baixos (instituição à qual o Prof. Conrad Lashley está vinculado), organizou-se uma conferência internacional para a qual seriam convidados pesquisadores brasileiros e na qual seria exposto o estado da arte das pesquisas em hospitalidade, tanto as teóricas (chamadas no evento de *studies of hospitality*), quanto as aplicadas (denominadas *studies for hospitality*), unindo pesquisadores mais experientes e a nova geração, vinculada a programas de graduação e pós-graduação em turismo e hospitalidade de Stenden e também do universo acadêmico brasileiro dedicado à hospitalidade, na ocasião representados pela Universidade Anhembi Morumbi (UAM), pelo Instituto

Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo (IFSP) e pela Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo (EACH-USP).

Desenhada a proposta da conferência, os professores Conrad Lashley, Sjoerd Gehrels e Elena Cavagnaro figuraram como anfitriões, descrevendo os convites e orientando a recepção de 78 participantes, em dois dias de evento.

Em termos organizacionais, registre-se a correção das práticas regulares de acolhimento aos participantes de um evento desta natureza, para as quais se contou com estabelecimentos hoteleiros locais e serviços complementares de transporte, destacando-se o papel do Stenden Hotel School, onde se hospedou parte da delegação estrangeira e onde foram realizadas as refeições comunais, que se traduziram em ocasiões de interação pessoal e profissional bastante agradáveis.

Entretanto, é desde o ponto de vista subjetivo que o evento – bem como esta edição conjunta – merece, a nosso ver, destaque. Mais importante no contexto dos encontros promovidos, parece-nos ter sido a oportunidade de exercício efetivo do que Alison Phipps e Ronald Barnett (2007) chamam de hospitalidade acadêmica.

Para estes autores, no ambiente da academia a hospitalidade pode tomar formas surpreendentes. Praticada na forma de acolhimento de novas ideias, toma a forma de hospitalidade epistemológica. Traveste-se de hospitalidade linguística no ato de tradução e interpretação de trabalhos acadêmicos, de publicações em periódicos científicos ou em eventos promovidos em âmbito internacional. Ganha caráter turístico na recepção e hospedagem de visitantes.

O conceito de hospitalidade em ambiente acadêmico vem sendo referenciado, direta ou indiretamente, por diversos autores (LYNCH et al., 2011; PHIPPS, BARNETT, 2007; KUOKKANEN, 2003, 2008; BAUMAN, 2011). Para esses autores, cabe às comunidades acadêmicas dedicar-se não somente ao aprendizado teórico (em especial o que se dá de maneira solitária e endógena), mas à prática efetiva da hospitalidade, por meio da transformação dos espaços acadêmicos em lugares de hospitalidade, por intermédio da criação de momentos de acolhimento das ideias do outro e pela adoção de posturas de combate à chamada ignorância epistêmica, nos termos sugeridos por Rauna Kuokkanen (2003, 2008).

Para Kuokkanen (2008), embora a academia seja o espaço relacional em que existem as condições mais adequadas para a interação e compartilhamento de ideias, as práticas acadêmicas soem vincular-se a tradições intelectuais e abordagens epistêmicas hegemônicas que, em uma situação limite (e bastante comum) pode conduzir à ignorância epistêmica, ou à condição em que pesquisadores se mantêm presos a conceitos que julgam superiores ou sacralizados, abstendo-se de conhecer e absorver saberes que não os de seu domínio.

De acordo com a autora (KUOKKANEN, 2008, p. 63), “ignorância epistêmica diz respeito às formas pelas quais as teorias e práticas acadêmicas ignoram, marginalizam e excluem outras que não as tradições dominantes, epistêmicas e intelectuais, da Europa ocidental” e, quando outras formas de conhecimento diferentes das hegemônicas são ignoradas, “elas tendem a desaparecer em meio à sua invisibilidade e distanciamento”. Além disso, “ ignorância epistêmica não está limitada ao mero não-saber ou à ausência de entendimento. Refere-se também a práticas e discursos que efetivamente excluem outras epistemes que não a dominante e efetivamente se recusam a reconhecer a existência delas”.

A sugestão da autora para evitar e/ou combater esta situação é, sempre, a adoção de práticas acadêmicas baseadas em uma linguagem que seja inclusiva e, se possível, universal. Que possa ser adotada e compartilhada por todos e que não seja compreendida somente por uma área específica de conhecimento. Neste sentido é que defende uma postura de respeito e reciprocidade em ambiente acadêmico, argumentando que “a ética e o futuro da academia requerem hospitalidade. Sem a abertura para o outro, a responsabilidade em relação ao outro, não há futuro para e na academia. O futuro da universalidade é a abertura para o outro” (KUOKKANEN, 2008, p. 74-75).

Phipps e Barnett (2007) apresentam o diálogo como o elemento fundamental para as interações acadêmicas do mundo contemporâneo. E sugerem que se adote um diálogo renovado, diferente do diálogo formal e preso a rituais e protocolos ultrapassados. Em sua opinião, é o diálogo livre, aberto, sincero e respeitoso que coloca

interlocutores em um mesmo nível e anula qualquer relação de hierarquia ou dominação, condição necessária para a comunicação efetiva.

Para eles, este diálogo renovado deve ser permanentemente promovido, sob diversos formatos, desde o encontro casual nos corredores das universidades, até a conversa no formato de seminários, simpósios, conferências ou publicações acadêmicas que fujam à estrutura previsível e à linguagem pesada normalmente ditada pelo academicismo. Em qualquer dos casos, o mais relevante é que se promova práticas de interação que evidenciem os valores da verdadeira hospitalidade e que visem o diálogo construtivo, para além da mera comunicação de opiniões ou ideias.

Em sua percepção, conversas assim só são possíveis em situações em que “a ética da hospitalidade tenha a chance de manifestar-se” (PHIPPS, BARNETT, 2007, p. 253).

Se a opinião de Lynch e outros (2011), de que a interação entre pesquisadores de diferentes áreas de conhecimento (mesmo os que se dedicam ao mesmo tema) é ainda muito limitado e é também restrito o diálogo e a colaboração interdisciplinares, há que se construir oportunidades de espaços favoráveis ao efetivo exercício da hospitalidade acadêmica e do combate à ignorância epistêmica, na direção da produção de conhecimentos acadêmicos que sejam mais valorosos e úteis à sociedade.

Neste sentido, é que as experiências de hospitalidade a que todos fomos expostos no evento acadêmico que se realizou em 2014 e nesta edição conjunta materializam-se como o resultado bem sucedido dos esforços de integração entre alguns pesquisadores do grupo anglófono e de alguns pesquisadores brasileiros.

Percebemos, ao final, que este esforço de integração de diferentes gerações, diferentes comunidades linguísticas, diferentes correntes teóricas e diferentes procedimentos metodológicos desenhou-se como um desafio que nos julgamos facilmente capazes de vencer e, de certa forma, o fizemos.

Entretanto, a experiência por que passamos também evidencia que o desafio continua e que é um desafio gigantesco. Neste sentido, poderíamos simplesmente não aceitá-lo. Poderíamos agir como agem muitas comunidades científicas de muitas áreas do conhecimento. Ocorre que estamos falando de hospitalidade.

As perspectivas que se abrem para o exercício da hospitalidade em ambiente acadêmico parecem sinalizar para a imperiosa necessidade de uma postura de colaboração, comprometimento e respeito entre professores, pesquisadores, alunos. Somente nessas bases parece ser possível que se configure uma efetiva integração internacional das comunidades acadêmicas dedicadas à hospitalidade.

Como dissemos, há muitas frentes de ação abertas. Nosso grande exercício é de alteridade. A experiência por que passamos mostra que alguns desses desafios começaram a ser vencidos:

- A hospitalidade linguística está se concretizando, por intermédio da boa vontade e do esforço de comunicação de todos, com ou sem a ajuda de tradutores, em um momento em que o idioma estrangeiro não é visto como um problema insolúvel, mas como um obstáculo a ser vencido, em prol da integração de diferentes culturas linguísticas;
- A disseminação do conhecimento que estamos buscando não está mais restrita a um público determinado, por conta da nossa própria opção de produzir conteúdos que sejam publicados em periódicos científicos editados em português e inglês, ao mesmo tempo;
- O evento promovido colocou anfitriões e visitantes em condições de igualdade, por conta da decisão de quem convidou e recebeu de (ao invés de submeter o outro à sua aprovação, como em um processo regular de submissão de artigos que são avaliados por um comitê científico) abrir as portas para o outro e se disponibilizar a ouvir o que quer que ele tivesse a dizer;
- Misturam-se gerações, culturas e opiniões e, com isso, ficamos todos com a sensação de que este caminho da integração é o mais correto a seguir e que precisamos nos comprometer em não fazer da hospitalidade acadêmica um discurso vazio, mas uma prática;
- Criam-se aqui experiências de hospitalidade que vão além de um espaço de eventos ou de um calhamaço de papéis organizados na forma de revistas científicas ou materializadas eletronicamente, traduzindo-se em tempos e

espaços adequados para o desenho de interações profissionais promissoras e em condições favoráveis para o fortalecimento de laços sociais efetivos e afetivos.

Leonardo Boff (2006), filósofo brasileiro, diz que para efetivamente acolhermos o outro, seja ele próximo ou distante, é preciso que sejamos capazes de nos livrar de quaisquer pré-conceitos, promover o diálogo e o acercamento, observá-lo de maneira atenta e comprometida, cuidar para que a comunicação aconteça de maneira efetiva, compreender seu universo simbólico e promover com ele uma aliança, no sentido de empatia e de identificação. A convivência efetiva, nos dias de hoje, há de ser inclusiva. O que estamos vivendo é um desafio de inclusão, na forma de aprendizado coletivo.

Referências bibliográficas

AUGÉ, Marc. *El sentido de los otros*. Barcelona: Paidós, 1996(1994). [Paidós Básica (80)].

BAPTISTA, Isabel. *Capacidade ética e desejo metafísico, uma interpelação à razão pedagógica*. Porto: Editora Afrontamento, 2007.

BAPTISTA, Isabel. Hospitalidade da razão e poder transformador, interpelações de pedagogia social. In: BARROS, Rosanna; CHOTI, Deise (org.). *Abrindo caminhos para uma educação transformadora*. Lisboa: Chiado Editora, 2014, p. 123-146.

BAPTISTA, Isabel. Lugares de hospitalidade. In: DIAS, Célia Maria de Moraes (org.). *Hospitalidade: reflexões e perspectivas*. Barueri: Manole, 2002, p. 158-164.

BAUMAN, Zigmund. *A ética e possível num mundo de consumidores?* Rio de Janeiro: Zahar, 2011(2008).

BOBBIO, Norberto. *Política e cultura*. Torino: Einaudi, 1977.

BOFF, Leonardo. *Virtudes para um outro mundo possível*. Vol II: Convivência, respeito e tolerância. Petrópolis/RJ: Vozes, 2006.

BOTTERILL, David. Social scientific ways of knowing hospitality. In: LASHLEY, Conrad; MORRISON, Alison (eds.). *In search of hospitality: theoretical perspectives*

and debates. Oxford: Butterworth-Heinemann, 2007(2000), p. 177-197. (Hospitality, Leisure and Tourism Series)

BROTHERTON, Bob. Finding the hospitality industry - a final response to Slattery? *Journal of Hospitality, Leisure, Sport and Tourism Education*, vol. 2, n. 2, p. 67-70, 2003. DOI:10.3794/johlste.22.56.

BROTHERTON, Bob. Finding the hospitality industry (a response to Paul Slattery). *Journal of Hospitality, Leisure, Sport and Tourism Education*, vol. 1, n. 2, p. 75-77, 2002. DOI:10.3794/johlste.12.32.

CAMARGO, Luiz Octávio de Lima. Os domínios da hospitalidade. In: DENCKER, Ada de Freitas Maneti; BUENO, Marielys Siqueira (orgs.). *Hospitalidade: cenários e oportunidades*. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2003, p. 8-28.

CAMARGO, Luiz Octávio de Lima. Turismo, hotelaria e hospitalidade. In: DIAS, Célia Maria de Moraes (org.). *Hospitalidade: reflexões e perspectivas*. Barueri: Manole, 2002, p. 1-24.

CAMARGO, Luiz Octávio de Lima. A pesquisa em Hospitalidade. *Revista Hospitalidade*, Ano V, n. 2, p. 23-56, 2008.

CAPEL, H. Libelo contra el inglés. *Biblio 3W, Revista Bibliográfica de Geografía y Ciencias Sociales*, Universidad de Barcelona, Vol. IX, nº 490, 5 de febrero de 2004. Disponível em <http://www.ub.es/geocrit/b3w-490.htm>. [ISSN 1138-9796].

DENCKER, Ada de Freitas Maneti; BUENO, Marielys Siqueira (orgs.). *Hospitalidade: cenários e oportunidades*. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2003.

DIAS, Célia Maria de Moraes (org.). *Hospitalidade: reflexões e perspectivas*. Barueri: Manole, 2002.

DIKEÇ, Mustafa, CLARK, Nigel, BARNETT, Clive. Extending hospitality: giving space, taking time. In: DIKEÇ, Mustafa, CLARK, Nigel, BARNETT, Clive (eds.). *Paragraph: a journal of modern critical theory*, v. 32, n. 1, march 2009. *Extending hospitality: giving space, taking time*. p. 01-14. DOI: 10.3366/E0264833409000376.

FARIAS, André Brayner. Filosofia da hospitalidade para uma futura ética do estrangeiro. SANTOS, Marcia Maria Cappellano; BAPTISTA, Isabel (org.). *Laços sociais: por uma epistemologia da hospitalidade*. Caxias do Sul: Educs, 2014, p. 115-126.

JONES Peter. Finding the hospitality industry: a response to Brotherton and Slattery. *Journal of Hospitality, Leisure, Sport and Tourism Education*, vol. 3, n. 1, p. 69-70, 2004a. DOI:10.3794/johlste.31.69.

JONES, Peter. Finding the hospitality industry? Or finding hospitality schools of thought? *Journal of Hospitality, Leisure, Sport and Tourism Education*, vol. 3, n. 1, p. 33-45, 2004b. DOI:10.3794/johlste.31.55.

KUOKKANEN, Rauna. Toward a new relation of hospitality in the academy. *The American Indian Quarterly*, vol. 27, n. 1-2, p. 267-295. Winter/Spring 2003. DOI: 10.1353/aiq.2004.0044.

KUOKKANEN, Rauna. What is hospitality in the academy? Epistemic ignorance and the (im)possible gift. *The Review of Education, Pedagogy, and Cultural Studies*, n. 30, p. 60-82, 2008. Taylor & Francis Group, LLC. DOI: 10.1080/1071441071821297.

LASHLEY, Conrad; LYNCH, Paul; MORRISON, Alison (eds). *Hospitality: a social lens*. Oxford: Elsevier, 2007. (Advances in Tourism Research Series).

LASHLEY, Conrad; LYNCH, Paul; MORRISON, Alison. Hospitality: an introduction. In: _____. *Hospitality: a social lens*. Oxford: Elsevier, 2007, p. 01-15. (Advances in Tourism Research Series).

LASHLEY, Conrad; MORRISON, Alison (eds.). *In search of hospitality: theoretical perspectives and debates*. Oxford: Butterworth-Heinemann, 2000. (Hospitality, Leisure and Tourism).

LASHLEY, Conrad; SPOLON, Ana Paula. *Administração de pequenos negócios de hospitalidade: guia do gestor*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2011. (Coleção Eduardo Sanovicz).

LASHLEY, Conrad. *Hospitality retail management: a unit manager's guide*. Oxford: Butterworth-Heinemann, 2000. (Hospitality, Leisure and Tourism).

LASHLEY, Conrad. Towards a theoretical understanding. In: LASHLEY, Conrad; MORRISON, Alison (eds.). *In search of hospitality: theoretical perspectives and debates*. Oxford: Butterworth-Heinemann, 2000, p. 01-17. (Hospitality, Leisure and Tourism).

LYNCH, Paul; MOLZ, Jennie Germann; MCINTOSH, Alison; LUGOSI, Peter; LASHLEY, Conrad. Editorial: Theorizing hospitality. *Hospitality and Society*, Interlect Limited, vol. 1, n. 1, p. 3-24, 2011.

PANOSSO NETTO, Alexandre; NOGUERO, Felix Tomillo; JAGER, Margret. Por uma visão crítica nos estudos turísticos. *Turismo em Análise*, v. 22, p. 539-560, 2011.

PHIPPS, Alison; BARNETT, Ronald. Academic hospitality. *Arts and Humanities in Higher Education*, vol. 6, n.3, p. 237-254, 2007. DOI: 10.1177/1474022207080829

SANTOS, Marcia Maria Cappellano dos; PERAZOLLO, Olga Araújo; PEREIRA, Siloe. A hospitalidade numa perspectiva coletiva o corpo coletivo acolhedor. In: SANTOS, Marcia Maria Cappellano; BAPTISTA, Isabel (org.). *Laços sociais: por uma epistemologia da hospitalidade*. Caxias do Sul: Educs, 2014, p. 49-63.

SANTOS, Márcia Maria Cappellano dos; PERAZZOLO, Olga Araújo; PEREIRA, Siloe. A hospitalidade numa perspectiva coletiva: o corpo coletivo acolhedor. In: SANTOS, Márcia Maria Cappellano dos; BAPTISTA, Isabel (org.). *Laços sociais: por uma epistemologia da hospitalidade*. Caxias do Sul: Educs, 2014, p. 49-63.

SANTOS, Marcia Maria Cappellano; BAPTISTA, Isabel (org.). *Laços sociais: por uma epistemologia da hospitalidade*. Caxias do Sul: Educs, 2014.

SLATTERY, Paul. Finding the hospitality industry (Slattery's reply to Brotherton). *Journal of Hospitality, Leisure, Sport and Tourism Education*, vol. 2, n. 1, p. 119-120, 2003. DOI:10.3794/johlste.21.40.

SLATTERY, Paul. Finding the hospitality industry. *Journal of Hospitality, Leisure, Sport and Tourism Education*, vol. 1, n. 1, p. 19-28, 2002. DOI:10.3794/johlste.11.7.

TOMILLO NOGUERO, Félix. Entrevista a Félix Tomillo. *Homo Viator*, 1, México, p. 235-243, 2010b. (Entrevista feita por Napoleón Conde Gaxiola).

TOMILLO NOGUERO, Félix. *Epistemología del turismo*. Dr. Panosso. Valladolid-España, 22 fevereiro de 2007 [Mensagem de E-mail a Alexandre Panosso Netto (panosso@usp.br)].

TOMILLO NOGUERO, Félix. La hospitalidad como condición necesaria para el desarrollo local. *Revista Hospitalidade*. São Paulo, v. X, n. 2, p. 161-212, dez. 2013.

TOMILLO NOGUERO, Félix. La hospitalidade en la Antigua Grecia: de la Odisea a las Leyes (I). *Homo Viator*, 1, México, p. 212-234, 2010a.

Recebido em dezembro de 2014.

Aprovado em fevereiro de 2015.